

Capítulo 1

Putá. Não tem outro nome para Lucy. De profissão ela era puta mesmo. Trabalhava num puteiro, vivia num puteiro. Mas não era puta só por isso. Se só por isso fosse, existem outros nomes mais respeitosos, como meretriz ou prostituta. Era puta e pronto, que essa palavra, a seco, carrega um xingamento, que quem conhecia Lucy queria logo desabafar. Tinha um jeito baixo e arrogante de provocar todo mundo esfregando o sexo sem censuras, descobrindo os seios e atirando palavras cruas encharcadas de lama. Uma beleza disputada a tapa pelos frequentadores dava-lhe o poder de não bastar aos olhos: quem via Lucy queria degustar. Dizem que sabia fazer o diabo com um homem na cama. Enlouquecia qualquer um que passasse pelos seus cuidados. Não tinha um que não quisesse mais.

Lucy tinha vontades, não aceitava dó de ninguém, repelia com sadismo as senhoras cristãs que lhe ofereciam um pouco de bondade. Eu pratico o gozo e não o sofrimento, humilhava. Vivia dizendo que daquele puteiro, e talvez de todos os outros puteiros do mundo, ela era a única puta que podia ser chamada de mulher de vida fácil. Quer vida mais fácil do que a minha, uma puta que gosta de dar?

Para toda a cidade isso era uma provocação sem tamanho, qualquer pessoa de bem tolera as putas, com a condição de sentir pena delas. Lucy, dona demais de si mesma, privava as mulheres de família do exercício da compaixão. Provocava com isso desejos profundos de inferno. As senhoras mais respeitadas uniam-se para exigir de Deus que tornasse difícil a vida fácil dela. Achavam-se com poderes de julgar e condenar a indecente.

Muitas dessas senhoras tinham em casa maridos que assistiam mudos à ira contra Lucy. Mais a raiva delas aumentava, mais a fama de Lucy crescia. Os homens adoeciam de uma curiosidade científica por ela, vulgarmente conhecida como tara. Enfileiravam-se dispostos a qualquer migalha. E, como a fome faz mais pela cozinheira do que os temperos, a puta mais vulgar do mundo gozava fama de preciosidade, faturando alto todo o dia.

Nesse vai e vem de tudo quanto é cor, posses e credos, é difícil acreditar que Lucy tenha caído de amores logo por Venâncio, marido de Dalva. Venâncio foi frequentador da Casa de Manu quando atravessou o deserto de ser sozinho. Um homem triste, pesado, que carregava com ele um tormento sem tamanho. Mãos de marceneiro marcadas pelos erros dos martelos e serrotes e olhos profundos de abismos por dentro. Pois foi esse sujeito afastado de qualquer vaidade, suado e maltratado, que Lucy via sem interesse e com alguma aversão, que acabou provocando nela uma paixão desmedida, daquelas vermelho-sangue, tempestuosas, que só uma puta difícil sabe permitir.

A história dos dois começa sem novidade nenhuma, é a bobagem de sempre, gostar de quem não gosta da gente. Todo mundo queria Lucy, enfrentava fila, comprava briga, gastava o ouro, fazia tudo pelo deleite de se esfregar nela. Menos Venâncio. Este chegava à zona e deitava com qualquer uma sem nem tomar conhecimento da disputaria. Ela oferecia-se, ele recusava. Era um não com voz reta, não de promessa, jurado no silêncio das entranhas. Ninguém arrancava dele o motivo.

E como quem não sabe, inventa, a intriga rendeu na boca da mulherada: todas as outras queriam saber porque é que Venâncio não se deitava com Lucy. O poder inquestionável da puta cheia de si estava à

beira do descrédito. O caldo grosso da inveja derramou, e o assunto foi parar aos ouvidos da rejeitada.

Pronto, foi o que bastou. Lucy encheu-se de desafio, qualquer custo era o preço que pagava para levar Venâncio para dentro. Questão de honra, condição para calar a boca das despeitadas e manter a sua fama à altura do que era capaz na cama. Do fundo da alma à superfície da pele, da ponta do dedo às pontas dos pelos, do lado de dentro e de fora, onde existia Lucy não tinha um espaço, miúdo que fosse, que não sustentasse a mais absoluta certeza de que ia ser fácil levar um homem abatido daqueles para a cama.

Capítulo 2

Doralda, Rosa, Margarida, Lucíola, Madalena, quem viria naquela noite pouco importava. Venâncio esperava por qualquer uma e delas não esperava nada. Só recusava Lucy. Ficou surpreso e quase sem ação na primeira vez que ela invadiu o seu quarto, já tinha dito um não na sala, dias antes, e pensou que bastaria. Não bastou. Quando ela chegou, sem ser convidada, trouxe o cheiro do assanhamento. Tirou a roupa poderosa, peça por peça, olhando de cima do nariz para baixo, na direção de Venâncio, sentado na cama, acompanhando tudo do lugar dele. Paralisado.

Ficou nua, pelo e pele, chegando poro a poro bem perto, oferecendo a montaria. Lucy tinha um corpo indecente, que convidava aos berros, línguas e mãos. Ele sentado, ela de pé, entre o umbigo e os pelos dela, os olhos dele. Anda, homem, hoje eu quero dar-te, vem com a tua boca sentir o meu gosto. Abusa de me molhar. Tens sorte, eu sou gostosa demais.

Venâncio ficou quieto, apreciou, enquanto Lucy descrevia sem modéstia a sua competência. Quanto mais ela falava, mais ele ouvia o que

não queria. Quando abriu a boca, foi um ponto final sem recurso. Não quero não, moça, guarda essa gostosura toda pra tua fila de babões, eu gosto de puta que dá mal.

Lucy experimentou o coice, despreparada, quis bater em Venâncio, exigir obediência. Apelou. Mandou que ele enfiasse no cu todas as coisas que têm nome e saiu cuspidando o fogo que não acendeu nele, mas no dia seguinte voltou. E depois voltou de novo, eram dias rendendo semanas puxando meses empurrando a vida. Cada noite tirava a roupa de um jeito, às vezes só a parte de cima, às vezes só a de baixo. Lento, rápido. Mordia a boca, divertia os dedos, expressava os olhos. Ficava de frente, de lado, de quatro, exausta. A uma certa demora, Venâncio, entediado, punha-a fora sem satisfazer uma unhazinha suja sequer do seu apetite.

Lucy cancelou a fila, jurou que não deitava com mais ninguém enquanto não fosse mulher para Venâncio. E assim foi indo, sem outro pensamento, com essa ideia encurralada. Atrofiou, diminuiu de tamanho na aflição de não ter mais o que inventar, desconfiou de todas as certezas que tinha.

Até que um dia, um modo de proceder dela derrubou o muro e ameaçou a distância entre eles. O que ela fez, sem saber que fazia, provocou em Venâncio uma emoção aguda, os olhos dele encheram-se de uma água triste, turva como a água que passa num cano por onde nada passava há muito tempo e que expulsa com ela uma sujeira velha, um abandono antigo e demorado. Aquele homem maltratado era dono de uma beleza que a desgraça escondeu com a sua camada grossa de hostilidade. Naquele momento, em que o opaco ganhou transparência, deixou ver o que tinha sido.

Capítulo 3

Venâncio e Dalva casaram apaixonados. Perdidamente. Quem via os dois pedia a Deus uma sorte igual. O amor tem nome, mas não é nada que possamos reconhecer só de olhar. A dor nós sabemos o que é, tem lugar e intensidades que cabem na ciência. A raiva, o medo, o ódio entortam a cara com um jeito provável de se manifestar. Mas e o amor? O que é senão um monte de gostar? Gostar de falar, gostar de tocar, gostar de cheirar, gostar de ouvir, gostar de olhar. Gostar de se abandonar no outro. O amor não passa de um gostar de muitos verbos ao mesmo tempo. No caso de Venâncio e Dalva, o gosto de cada sentido unia os dois para mais de muitas vidas, pareciam eternos de tão juntos. Um saboreava o outro. Viveram muito tempo assim irrigados até que Dalva engravidou. A notícia parecia boa, amor dando fruto, coisa mais sagrada ela e ele somados, a natureza perfeita providenciando a continuação de tudo. Era isso que deviam sentir, e ficaram muito tempo tentando fazer o que deviam. Insistiram na bobagem de pôr no caminho deles a estrada dos outros. Deu no que deu. Quem pode negar, no mais honesto olhar, que, dado um encaixe perfeito, não sobre espaço para mais nada? Era justo demais o jeito que um juntou

no outro. Venâncio, quando viu a barriga de Dalva crescer, foi vendo crescer nele um ciúme doentio. Mas era tarde, não comandava o curso do rio. Estava feito.

Dalva já queria aquele filho mais do que qualquer outra coisa. Pensava nele, falava dele, entregava as mãos à barriga e dela não se afastava. Era bercinho para cá, bordados para lá, banhos demorados voltados para o próprio umbigo, tardes inteiras cantando canções de embalar com uma voz débil, daquelas que os adultos fazem quando pensam encantar as crianças. Passou a evitar Venâncio com medo de machucar o bebê, olhava mais para o espelho do que para os olhos dele e foi alimentando nele a mais profunda convicção de que naquela barriga crescia um ladrão que ia roubar para sempre a mulher da sua vida.

A loucura começa como a doença, miúda. Vai-se alastrando célula a célula, ocupando tudo, destruindo a saúde, acabando com a vida de quem não encontra recurso para deter os pensamentos ruins, fazedores dos mais profundos infernos. O pensamento solto, insistente e amargo constrói e antecipa a desgraça, é cruel no jeito de destruir.

Naquele dia Venâncio podia ter saído, já estava lá fora no portão, quando pôs sentido na bexiga cheia e pesada. Voltou para mijar. Nos últimos anos, a lembrança desse segundo, o preciso momento em que decidiu voltar, provocava nele uma aflição sem alívio. O filho tinha nascido de manhã, quando ele entrou no quarto, Dalva oferecia o bico do peito ao menino. Os olhos de Venâncio pararam ali, sentiu uma dor de infidelidade, traição, a nuca esquentou num quase desmaio. Ela punha na boca do menino o bico do seio que era dele, o bico, acordado e nu, estava lá entumecido, pronto, sem que ele o tivesse excitado.

A boca do bebê buscava ansiosa o peito farto e húmido querendo sugar, engolir e ainda tão sem saber. O mamilo dobrava-se passando na boquinha pequena, querendo ser pego por ela. Dalva entregava-se a uma emoção única, da mais comovente ternura. O momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu, bateu. Espancou.

Capítulo 4

Dor.

Capítulo 5

Com a dor, o silêncio. Denso, ácido. Estagnado. Um silêncio de caco de vidro moído esfolando o corpo por dentro. Um desesperar, nada por vir. Dalva parou de falar com Venâncio. Não olhou mais para ele, considerou que ele não estava mais vivo, ignorou a sua presença. Nenhuma reação. Nem quando ele chorou, quando ficou sem comer, quando parou de se lavar, nem quando ameaçou morrer, nem quando mandou valente, cuspiu na cara dela, pressionou prometendo uma nova surra, jurando morte, morrendo esmagado pelo que não podia ser desfeito. Nada. Ele suplicou sincero, desamparado, e ela nem um olhar, nenhum perdão possível.

Nas primeiras semanas, Dalva não comia, não bebia, não acendia a luz, morria um pouco a cada dia. Levantou-se depois de uma longa visita de luto da mãe, saiu de casa sem deixar pistas e, para desespero de Venâncio, só voltou ao entardecer do dia seguinte. Desse dia em diante, passou a sair todas as manhãs. Caminhava lenta, magra, ombros fechados de quem desistiu. Ninguém sabia ao certo aonde ia. Na hora mais triste das tardes, quando a saudade parece apertar o coração do mundo, Dalva voltava para casa. Dizem que a tristeza dessa

hora está nas nossas entranhas, infiltrada nas nossas menores porções há milênios. Nasceu do pavor infinito de anoitecer, hora em que as mulheres não sabiam se os seus homens voltariam vivos da caça. Muitas vezes não voltavam. Hora em que os homens, ao voltar da caça, não sabiam se encontrariam as suas mulheres mortas. Muitas vezes encontravam. Perder amores é escurecer por dentro, uma memória do corpo que o entardecer evoca quando tinge o céu de vermelho. Para quem está sozinho depois de ter amado, o fim do dia é muito triste. Era nessa hora que ela voltava.

Dalva morava perto da Casa de Manu, o puteiro da cidade, e, quando fazia o seu caminho de todos os dias, passava bem na porta das putas. Um alpendre fresco, onde sempre uma mulher ou muitas se largavam espalhadas, meio nuas, pelo chão gelado, entregues nas muretas baixas, estiradas e preguiçosas da noite animada, fugindo do sono e do calor dos dias.

Do outro lado da rua, o passeio estreito recebia o sol histérico, claro e quente, fritando quem caminhasse por lá, e, ainda assim, era por ali que o movimento da rua corria. No lado da sombra, pouca gente se atrevia a passar, era quase entrar na Casa de Manu e, com a luz do dia, um pudor constrangido aconselhava menos intimidades. Toda a sorte de pensamento fazia o lado do sol mais prudente: ser reconhecido, ver o pecado de frente, sentir vontade de dia, medo de ficar doente, ver putas de perto como se putas não fossem gente.

Outro medo ajuizado mantinha quase vazio o passeio coberto de sombra, ser alvo de zombarias, que as putas juntas são corajosas, jocosas, falam alto, e, na lentidão quente das horas em que não fazem nada, uma boa risada, à custa de um distraído passante, dava às moças mais diversão do que a folia das noites viradas.

Se o distraído fosse uma beata, ficava mais divertido o escárnio. Putas e beatas não se entendiam nem por princípios, nem pelos fins. Para as putas, basta a Deus um coração puro, outras partes podem ser lambuzadas. Para as beatas, qualquer lambança no corpo contamina o coração. Uma guerra santa e encorpada.

Mas Dalva não era confundida com uma beata, embora suspeitassem que ela arrastava um corpo sem prazer à procura de uma igreja.

As putas pareciam adivinhar a sua dor. Quando ela, todos os dias, passava por ali, podiam ver o abandono caminhando, ficavam caladas, pensando nelas mesmas. Aquele peso todo tinha um eco poderoso no silêncio suado e cheio de cheiros que rodeava cada uma. Dalva nunca olhou para o alpendre, embora fosse pelo caminho da sombra. Passava de cabeça erguida, olhando em frente, não por afetação de orgulho ou por força de algum julgamento, mas por não dar importância a nada que não fosse ir para onde estava indo. Carregava o seu corpo pesado de tristeza, e isso era tudo o que parecia fazer. As putas reconheciam que ali não se podia bolinar, sabiam por experiência própria que não se deve aumentar uma dor sem tamanho. No fim do dia, quando Dalva voltava, para quem reparasse muito, dava para ver um olhar mais sereno nos olhos dela, mas ninguém nunca reparou, nem pouco.

O que as putas sabiam sobre ela e Venâncio era desconhecido, coisas ditas sem certeza, boca a boca. A história de cada uma delas sempre se misturava no jeito como cada uma contava a história do amor deles. Sonhavam juntas. Algumas lembravam-se de ver Dalva e Venâncio andando apaixonados pela cidade. Lembravam-se do que poderiam ter facilmente esquecido depois de tanto tempo porque tinham tido vontade de um amor como aquele. Amor de livro barato, quem não quer? Amor que não se vê na vida nem das putas, nem na das beatas e muito menos na vidinha de quem pensa ter que escolher entre uma coisa ou outra.

Diante do amor, algumas putas sentem mesmo vontade de nascer de novo, como se não tivessem tido direito a ele. Essas prestaram mais atenção ao amor dos dois. Repararam, por exemplo, em Dalva e Venâncio comendo broa quente na padaria. Ela queimava a língua, cheia de graça, como se colhesse flores, e ele dava-lhe beijos molhados como quem sopra um dedinho queimado de criança. Guardaram as vezes em que eles tomavam chuva juntos e as vezes em que ajeitavam a roupa de baixo um do outro na frente de quem quer que fosse, não davam notícias do entorno. Tudo que era na rua faziam juntos: comprar, consertar, passear, e os afazeres em casa eram brincadeiras de amor. Tão bonito quanto insuportável. Uma antipática felicidade, desumana com a solidão alheia. Quem podia acreditar num amor daqueles? Para

que ninguém nunca, em tempo algum, se atreva a achar que é a vida que inspira os livros baratos, ela, a vida, sempre disposta a levar-nos até à morte, expõe, mais cedo ou mais tarde, aos berros, a sua avareza: felicidade em demasia é dívida que não se pode pagar. A conta viria.

Como eram poucas as putas que se lembravam, eram poucas as que falavam. E o silêncio, com a sua vocação de fermento, engordava toda sorte de devaneio. Como aquele amor virou dor? Ninguém sabia explicar, mas respeitavam a tristeza dessa alquimia, o destino não aceita zombarias. Dalva passava, e as putas sonhavam.